

A PRIMAVERA DAS MULHERES: Ciberfeminismo e os Movimentos Feministas

Zeila Aparecida Pereira Dutra*

Resumo

O presente artigo tem como objetivo desenvolver uma discussão teórica sobre Ciberfeminismo e sobre como esse fenômeno é capaz de ressignificar as identidades e promover o (ciber) ativismo feminista, através das mídias sociais, redes sociais e das novas tecnologias da informação. A temática principal está vinculada às campanhas empreendidas pelas mulheres no ano de 2015, "A Primavera Feminista" e a "Primavera Secundarista", identificando esse período de militância, como "Primavera das Mulheres", por ter tido um alcance significativo nas redes sociais e pelo uso das mídias sociais para organizar as manifestações que saíram do espaço virtual, emergindo no concreto. Assim, pretende-se analisar a aliança do feminismo com as novas tecnologias. Quanto ao método de pesquisa utilizado, tratou-se aqui de um estudo baseado na revisão bibliográfica.

Palavras-Chave: ciberativismo; feminismo; identidade; tecnologia.

Abstract

This article aims to develop a theoretical discussion about Cyberfeminism and how this phenomenon is capable of re-signifying identities and promoting feminist activism through social media, social networks and new information technologies. The main theme is linked to the campaigns undertaken by women in the year 2015, "The Feminist Spring" and the "Spring Secondary", identifying this period of militancy as "Spring Women", for having had a significant reach in social networks and by the use of social media to organize the manifestations that left the virtual space, emerging in the concrete. Thus, it was intended to analyze the alliance of feminism with the new technologies. As for the methodology, the research method used was the deductive and the bibliographic research technique. In the end, she may perceive the creation of a relationship between women and technology in the struggle for gender equity.

Keywords: cyberactivism; feminism; identity; technology.

* Mestranda em Sociologia pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Bolsista CAPES.

1. Introdução

A proposta desse artigo é analisar o movimento feminista, a relação existente entre a luta pela equidade de gênero, a aliança com as mídias sociais e as constantes mudanças ocorridas na sociedade. Sendo o objeto de pesquisa, o feminismo, um movimento político e social, em constante transformação, assim, como as novas tecnologias da informação (TICs)¹.

A sociedade patriarcal capaz de gerar a exploração, a opressão e a dominação das mulheres, as formas de classificação com as quais se constrói o mundo, com as mudanças nas relações, tende a impulsionar a militância feminista, na busca por novas alternativas na luta não só por direitos, mas também pela valorização do feminino em uma sociedade, onde essa característica é comumente reforçada pela socialização dos corpos e as relações de poder, ambas incorporadas de forma desigual.

O patriarcado põe em evidência muito mais que a desigualdade de gênero, se engendra pelas estruturas formadas, reforçando o processo de subordinação das mulheres, naturalizando a dominação masculina. Segundo Bourdieu:

[...] um corpo politizado, ou se preferimos, uma política incorporada. Os princípios fundamentais da visão androcêntrica do mundo são naturalizados sob a forma de posições e disposições elementares do corpo que são percebidas como expressões naturais de tendências naturais. (Idem, 1999, p. 56).

Essa visão androcêntrica, na qual o pensamento masculino é centralizado nas esferas política, social e cultural, como pontua Bourdieu (1999) na obra "*A Dominação Masculina*", enfatiza as relações de poder e como atuam de forma desigual, existindo uma aceitação não consciente de determinados grupos submissos. Portanto a dominação masculina estaria naturalizada e imbrincada nas consciências, na subjetividade, através de signos e símbolos que representariam a linguagem.

Nesse mesmo seguimento, a partir da representação da biologia e do corpo enquanto espaço de desigualdade, para Bourdieu, e quanto ela está interiorizada através dos signos e símbolos, podemos relacionar com o

pensamento de Hall (2005), e como a cultura pode se fazer e se desfazer através da linguagem, envolvendo assim, o compartilhar dos significados. Para Hall:

A linguagem é capaz de fazer isso porque ela opera como um sistema representacional. Na linguagem, fazemos uso de signos e símbolos – sejam eles sonoros, escritos, imagens eletrônicas, notas musicais e até objetos – para significar ou representar para outros indivíduos nossos conceitos, ideias e sentimentos. A linguagem é um dos 'meios' através do qual pensamentos, ideias e sentimentos são representados numa cultura. A representação pela linguagem é, portanto, essencial aos processos pelos quais os significados são produzidos (Hall, 2005, p. 25).

A dominação masculina, naturalizada nas consciências e nos pensamentos, interiorizada, por meio da linguagem enquanto estrutura de representação, produz significados que regulam as práticas sociais, influenciando o comportamento e a conduta, refletindo nos aspectos reais. São essas representações sociais dos corpos e da cultura, mencionadas por Bourdieu e Hall, que impulsionaram as mulheres a questionarem e travarem lutas para combater as desigualdades e as estruturas reproduzidas responsáveis pela socialização.

O movimento feminista e suas vertentes, durante as ondas que o caracterizaram, impeliu as mulheres em sua militância, seja em manifestações em forma de protestos nas ruas ou a partir da inserção em instituições para a construção de políticas públicas, atendendo as demandas ocasionadas pelas mudanças sociais.

A segunda onda do movimento feminista reuniu as vertentes radical e marxista, com reivindicações ligadas aos direitos sexuais e reprodutivos. Influenciado por esse período, onde o movimento feminista surge de forma mais agressiva. Buscando uma nova alternativa para o movimento feminista, diferentemente da proposta expressa nas décadas de 1960 e 1970. Na década de 1980, surge um outro movimento — o Ciberfeminismo.

Este artigo organizado, para apresentar através de uma revisão bibliográfica utilizando autores da Sociologia contemporânea, um aprofundamento conceitual,

¹ As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) podem ser entendidas como um conjunto de recursos tecnológicos que proporcionam um novo modo de se comunicar. Surgiu, no decorrer da história, no cenário da Terceira Revolução Industrial e foi gradualmente se desenvolvendo a partir da década de 70 e foi

ganhando atenção sobretudo na na década de 1990. Fonte: Disponível em: <<http://https://www.infojovem.org.br/infopedia/descubra-e-aprenda/tics>>. Acesso: 27/12/2017 às 19:35.

contextualizando essas alternativas criadas pelos movimentos sociais de mulheres e o feminismo.

Tentaremos estabelecer um pensamento que possa descrever de forma minuciosa, a relação de protagonismo empreendido pelos movimentos feministas nos países onde houve uma maior efervescência na agenda voltada para mudanças efetivas de comportamento e de direitos alcançados.

No segundo momento, analisaremos o feminismo no período de redemocratização do Brasil na década de 1980, a institucionalização dos movimentos sociais na década de 1990, nos aproximando do momento atual da organização dos movimentos feministas a partir das redes sociais. Pontuaremos também as manifestações específicas, promovidas a partir de casos que levaram a reação popular, a Primavera Feminista e a Primavera Secundarista. Ambas as formas de reação estão ligadas a questões pontuais com a necessidade de uma ação imediata das mulheres e dos movimentos sociais.

A estrutura do artigo focalizará essa breve introdução, posteriormente o desenvolvimento compreendendo nas experiências dos movimentos feministas, em outros países e no Brasil envolvendo as manifestações organizadas através das mídias sociais².

2. A trajetória dos Movimentos de Mulheres e Movimentos Feministas

Para iniciar nossos estudos, é necessário pontuarmos a relação entre os movimentos de mulheres e os movimentos feministas, visto que apesar de ambos lutarem pela equidade de gênero, o que caracteriza cada um em sua trajetória se diferencia pelos objetivos.

O feminismo, além de uma teoria crítica, se ocupa em analisar de forma mais abrangente as estruturas que dão base as desigualdades. É também um movimento sócio-político dividido em vertentes, que se organiza contra a posição de subalternidade das mulheres, construída socialmente e fundamentada no patriarcado, pelas diferenças de gênero, raça/etnia e a divisão da sociedade em classes sociais.

O Movimento de mulheres pode ser caracterizado pela luta por direitos, sendo a representação política, importante forma de organização na qual as mulheres se articulam em espaços coletivos para buscar melhoria de vida, com intuito de obter uma resposta pontual e coletiva.

Diante dessas diferenças, ambos os movimentos sociais de luta pela transformação da condição das mulheres na sociedade foram se configurando a partir das demandas mais urgentes. No século XIX, baseado no movimento reformista, a luta pelo direito ao voto é a pauta política da primeira onda do movimento feminista (mesmo se tratando de um feminismo liberal). Já no século XX, a luta foi pelos direitos sobre o corpo, enfatizando a necessidade do controle das mulheres sobre os direitos sexuais e reprodutivos. É nessa fase, considerada a segunda onda, no qual o movimento feminista, recebe contribuições teóricas importantes e alcança o espaço da universidade.

Surgindo dentro da vertente filosófica do existencialismo com fortes elementos da Fenomenologia, o pensamento de Simone de Beauvoir, em sua obra o "*Segundo Sexo*", constitui uma importante contribuição teórica para o movimento feminista e para o feminismo acadêmico.

Nesse interim, os movimentos de mulheres, contribuíram para o avanço na busca por direitos. No Brasil na década de 1970, durante a ditadura militar, às mulheres se organizam nos clubes de mães e associações de bases, onde formularam uma agenda na luta por melhores condições de vida. Evidenciando-se, a campanha contra a carestia e o projeto de implantação do Sistema Único de Saúde (SUS).

O processo de reestabelecimento do Estado democrático de direito no pós- ditadura, trouxe reformas sociais, econômicas e políticas para o país. Nesse período houve a promulgação da Constituição Federal de 1988, conhecida como Constituição cidadã, pela participação dos movimentos sociais no transcurso da constituinte.

A relação dos movimentos sociais com a máquina pública fez surgir um modelo fragmentado de

² O termo rede social "relationship site" (sites de relacionamento) deixa claro que se trata de um local onde pessoas estão conectadas em grupos (rede), como o Whatsapp. As Mídias Sociais "new mediam" (novas mídias) são as plataformas que utilizamos para nos

comunicarmos; como o Facebook. Fonte: Disponível em: <<http://http://www.cria.art.br/diferenca-entre-redes-sociais-e-midias-sociais>>. Acesso em: 27/12/2017 às 19:48.

participação popular, não havendo mais uma preocupação coletiva, como durante a luta empreendida contra o regime militar, mas interesses vinculados ao novo cenário político de redemocratização do país.

Com essas novas configurações, os movimentos sociais saem das trincheiras fincadas por muito tempo nas ruas passando para uma luta junto as instituições, buscando a implementação de políticas públicas para que mesmo paliativamente alcançassem os direitos básicos e diminuíssem as desigualdades sociais.

Ao passo que a política neoliberal foi se fortalecendo no contexto da América Latina, os movimentos sociais, incluindo o feminista, tende a ser visto e analisado por uma perspectiva cultural e identitária, impulsionadas por essa chamada "crise identitária", momento esse reconhecido posteriormente como pós-estruturalismo. Esse processo, caracteriza-se pela fragmentação das chamadas "velhas identidades", anteriormente visto de forma agregada, centrada em um único processo. Segundo Hall:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar, ao menos temporariamente (Hall, 2001, p. 13).

As identidades ligadas ao sujeito são constructos sociais e políticos, segundo os autores como Hall, os movimentos sociais antes das décadas de 1960 e 1970, foram centrados nas questões econômicas, como fonte da desigualdade. Posteriormente, a esse período os movimentos passaram a se pautar nas ações identitárias, ligadas as relações políticas e sociais na luta por espaço, objetivo daqueles que se propunham a conquistar direitos.

A partir desse novo cenário, na perspectiva da crise de identidades, as feministas, buscaram questionar a identidade feminina socialmente construída, ligadas a interseccionalidades das diferenças encontradas no próprio movimento, como gênero, raça/etnia, religião e classe.

No Brasil, houve essa ligação entre o feminismo acadêmico e a militância na década de 1990, o que refletiu a preocupação de tratar das questões que envolviam as mulheres dentro das várias diferenças e ambiguidades, mas trazendo e levando as demandas no âmbito dessas duas esferas, a academia e as trincheiras.

Stuart Hall, em "*A identidade cultural na pós-modernidade*" (2001), fala em reconhecimento, identidade e o feminismo enquanto movimento foi fundamental para que os outros movimentos sociais também identificassem essas novas demandas. Os significados dados, através dessas identidades passam a enxergar a mulher, não só como o reflexo do outro, mas com marcas e sinais próprios.

3. A tecnologia na organização dos movimentos feministas

A cibercultura é uma corrente surgida durante a década de 1980, tendo como uma das suas principais obras de referência, *Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX*, da filósofa e bióloga Donna Haraway, onde ela aborda a crise identitária dos movimentos sociais, incluindo o movimento feminista e a relação com as novas tecnologias.

A tecnocultura, o feminismo aliado à internet, depois da década de 1980, já vinculado à *World Wide Web* (www), tem continuidade com manifestações artísticas, escritos, atividades hackers, com a linguagem de programação, desenvolvimento de jogos. Esse movimento teve à frente as ativistas *ciber utópicas*, como a inglesa Sadie Plant, o grupo australiano VNS Matrix³ e suas integrantes, Josephine Starrs, Julianne Pierce, Francesca da Rimini e Virginia Barratt, acompanhadas de Linda Dement, Rosi Braidotti, Alluquere Rosanne Stone, e outras mulheres teóricas e ativistas.

³ O grupo australiano de mulheres VNX Matrix, surge no ano de 1991, para fazer contraposição aos tecnocawboys, no

desenvolvimento de games e hackeamento, ocupando o espaço da cibercultura.



Ilustração 01 - All New Gen - VNS MATRIX (1993): as ativistas pioneiras do Ciberfeminismo, o coletivo australiano VeNuS Matrix (1991-1997).
Fonte: <http://vnsmatrix.net/>.

Para Plant, o Ciberfeminismo é, [...] “uma aliança entre as mulheres, a maquinaria e as novas tecnologias. Existe uma velha relação entre a tecnologia da informação e a libertação das mulheres”. Essas mulheres aliaram tecnologia, instalações artísticas e representação do corpo feminino, como forma de ocupar o espaço da cultura digital, até então, ocupado pelo masculino.



Ilustração 02 - O Manifesto CiberFeminista para o Século XXI em exposição, 1995. "Vírus da desordem do novo mundo, exterminadoras dos códigos morais". Crédito: Virginia Barratt.

O Ciberfeminismo alcança novos desdobramentos, levantando marcos de atuação como a organização da primeira internacional ciberfeminista, realizada na Alemanha. A partir desse encontro, o movimento obteve outros alcances, formando novos grupos, trazendo novas maneiras de se manifestar e subversivamente, encontrando uma pluralidade de identidades através da união do humano e da máquina.

Na década de 1990, a internet chega ao Brasil, começando a se popularizar, destacando-se nesse processo grupos do terceiro setor, como ONGs e centros, reflexo da institucionalização dos movimentos sociais ocasionada nesse período. Tornando essas instituições responsáveis pela tentativa da inserção das mulheres no debate sobre feminismo e tecnologia, embora ainda de forma muito tímida.

Essa atuação de ONGs feministas, como o *CEMIDA: Comunicação, educação e informação em gênero* e *CRIOULAS*, passaram a se fortalecer no início dos anos 2000 e, hoje, executam projetos relevantes, onde incentiva-se a comunicação entre mulheres em pontos remotos do Brasil, através de *softwares* e rede de internet banda larga.

O uso de Blogs, sites, páginas e perfis nas redes sociais, passou a ser algo inerente a organização da pauta dos movimentos feministas e, também de outros movimentos sociais, articulados através da web. Assim como o Ciberfeminismo utópico iniciado na Oceania, o uso das redes e mídias sociais no Brasil, passou também

a ser uma ferramenta para diminuir distâncias, encontrando assim as diversas demandas políticas, sociais e culturais.

Essa relação de diminuição do espaço, de distâncias, corresponde a ideia colocada por Donna Haraway, Stuart Hall e Anthony Giddens, sobre a transposição de fronteiras através das migrações identitárias transgressoras, através da globalização tecnológica. Para Giddens, isso aconteceria por existir uma compressão espaço-tempo incluindo dessa maneira as identidades geradas para o ciberespaço.

Ainda de acordo com Giddens, (1995) a modernidade separa, fragmenta, descentraliza as identidades, acelera o tempo e diminui os espaços. Essa relação tempo-espaço-deslocamento faz o indivíduo se deslocar, mas se encontrar no mesmo ponto de origem.

Com o uso da internet, os grupos de mulheres passaram a atuar no concreto e no virtual, não conseguindo mais desassociar o feminismo do ciberespaço. Assim, como Donna Haraway, escreve no seu *Manifesto Cyborgue*, a relação pós-humana do corpo com a máquina, ganha um novo significado a partir da soma do ciber + ativismo nas redes, levando informações e instrumentalizando a internet para a mobilização dos movimentos em algumas situações específicas, levando as campanhas através das redes e nas ruas.

4. A Primavera das mulheres brasileiras

No Brasil, o movimento feminista ganhou elementos de radicalidade com a resistência das mulheres a ditadura militar, se rebelando contra o autoritarismo e aos regimes falsamente democráticos. A partir desse ponto, grupos foram organizados, tendo as organizações de base grande importância, quando se trata de organização e luta política ainda durante a opressão do regime militar. Clube de mães, associações de moradores, reuniam mulheres, passando a debater os assuntos mais urgentes, como creches e o trabalho doméstico.

Em outro espaço, já na década de 1980, o feminismo passou a encontrar avanços, como nas universidades,

onde se tornou objeto de estudo. Nos bastidores foram criados fóruns e conselhos para se discutir a condição das mulheres, nesse período de redemocratização e de assembleia constituinte.

Como dito anteriormente, no final da década de 1980 e início de 1990, os movimentos sociais passaram por um processo de institucionalização, onde líderes e figuras importantes desses movimentos se envolveram nas demandas eleitorais e ocuparam cargos em instituições públicas.

Houve um esfriamento, depois dessa nova configuração, fazendo os movimentos entrarem em um período de estagnação. As demandas, já não eram debatidas através de grupos populares, apenas transformaram-se em políticas públicas para mulheres, consolidadas em diretrizes, discutidas em Conferências municipais, estaduais e nacionais, através de convocatórias governamentais.

Esse cenário sofre um processo de mudança, lento, porém gradual, a partir dos anos 2000, com a chegada da internet no Brasil e sua popularização. Agora, não apenas limitada a empresas e instituições públicas, mas com funcionamento, popularizado no espaço doméstico.

Esse domínio do ciberespaço⁴, acontece na América Latina e no Brasil, de forma tardia em relação a outros países da Europa, Oceania e América do Norte, se concretizando através da internet a exploração das novas tecnologias pelas feministas.

Aconteceram campanhas significativas no Brasil a partir de 2010, encabeçadas por páginas feministas, ligadas às redes sociais como o *Facebook* e o *Twitter*. Abordando assuntos como assédio, abuso sexual, machismo, misoginia ou outros conteúdos, sendo transformados em hashtag⁵ ou expostos, em qualquer outro espaço disponibilizado na rede.

As hashtags #MeuPrimeiroAssédio, #MeuAmigoSecreto e #AgoraÉQueSãoElas, foram campanhas que mobilizaram milhares de mulheres, a compartilhar suas experiências para mostrar episódios de machismo, abuso sexual e misoginia. Mostrando a

⁴ "O ciberespaço é "o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores". Lévy (1999, p. 17).

⁵ As hashtags são utilizadas para categorizar os conteúdos publicados nas redes sociais, ou seja, cria uma interação dinâmica do

conteúdo com os outros integrantes da rede social, que estão ou são interessados no respectivo assunto publicado. Fonte: Disponível em: <<https://www.significados.com.br/hashtag/>>. Acesso em 26/12/2017 às 18:35.

função de ferramentas digitais das redes sociais, com o alcance dessas campanhas, ligando mulheres de várias cidades do país através de seus comentários e histórias.

A identidade feminista, também se fortalece ou em primeira impressão se estabelece, por fazer mulheres compartilhar e se identificar com o feminismo na rede, traçando um novo caminho muito mais plural e democrático, desconstruindo estereótipos por muito tempo cultivados em relação ao movimento feminista.

No tocante ao Ciberfeminismo enquanto movimento social, esse consegue ressignificar elementos do feminismo a partir das novas tecnologias e dos espaços ocupados pelas mulheres. Extrapolando as fronteiras utilizando as redes sociais, fez mulheres das mais variadas classes sociais, religião, raça/etnia e gênero se unirem para a subversão no processo de comunicar e resistir.

Conforme o pensamento de Stuart Hall (2001), essa pluralidade nas diferenças, gera a construção de identidades a partir do processo de identificação na conformidade com cada página, perfil, ou blog feminista, se adequando ideologicamente aquele espaço e, por conseguinte às demandas e pautas ligadas a determinada campanha.

O ano de 2015 foi marcado por duas grandes campanhas iniciadas nas redes sociais, a primavera secundarista e a primavera feminista. A Primavera Secundarista foi responsável por ocupar mais de mil escolas em todo o país, sendo duzentas, apenas no Estado de São Paulo. A pauta era a luta contra o sucateamento da educação pública e, em São Paulo, frear a reorganização proposta pelo governo estadual, projeto que fecharia turmas e escolas.

A Primavera Feminista ou das Mulheres, como ficou conhecida, pela tomada das ruas por milhares de mulheres, reverberando a insatisfação contra as pautas conservadoras do Congresso Nacional, com a insatisfação dos retrocessos impostos e o assédio sofrido nas ruas.

A hashtag #primeiroassédio teve mais de um milhão de buscas, sendo usada para incentivar mulheres a contar suas experiências, a campanha acabou por receber mais de 82.000 mensagens nas redes sociais (Twitter e Facebook), revelando através de seus relatos, a faixa

etária em que meninas são assediadas pela primeira vez, sendo a média de idade entre 9 e 10 anos.

Esse fenômeno, seu alcance de maneira massiva por parte das mulheres, denota um sentimento não só de compartilhamento de histórias ou autopreservação, mas conforme escreve Axel Honneth (2003), em "*Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*", por um reconhecimento através de diferentes dimensões sociais: no âmbito privado da afetividade (amor, amizade), das relações vinculadas ao aspecto jurídico e por último, a solidariedade social, a relação entre os indivíduos.

Honneth descreve essas dimensões como responsáveis pela autorelação prática do indivíduo, ligadas ao respeito aos valores existentes nas relações com os outros membros da sociedade. Por isso, quando passa a existir, uma conduta desrespeitosa, no que tange essas autorrelações, surgem os conflitos sociais.

As campanhas ligadas ao movimento feminista, que vem surgindo a partir dessa interação das mulheres com as redes sociais, perpassam por essas autorrelações, citadas por Honneth. Palavras ligadas a esses aspectos afetivos, valores e respeito, como *Sororidade* e *Empatia*, passaram a ser usadas frequentemente nos posts, para lembrar a união necessária na superação e reconhecimento das mulheres em suas adversidades individuais e coletivas.

A Primavera das mulheres foi articulada no mesmo ano (2015), especificamente no segundo semestre, tendo a Secundarista, durado seis meses. As Secundaristas, se organizaram a partir de um cotidiano virtual, com as redes sociais, especificamente com o Facebook, *Twitter* e o aplicativo de mensagens, *WattsApp*. Sendo as meninas responsáveis, por articular a ocupação das escolas, fazendo o enfrentamento nos momentos de repressão e dentro da organização nos aspectos mais práticos, necessários para levar adiante.

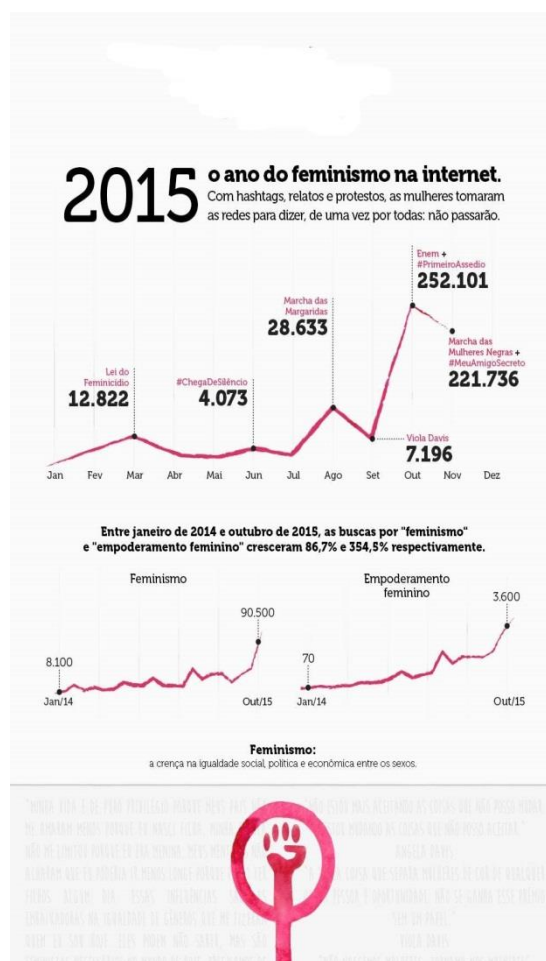
Mesmo não vinculadas, abrangendo faixas etárias diferenciadas e pautas equidistantes, as duas trouxeram a discussão a respeito do machismo, presente no cotidiano. As adolescentes, dentro do processo de desconstrução nas falas, durante a organização do movimento secundarista e, as mulheres de várias classes sociais, raça/etnia e idades, que ocuparam às ruas contestando o machismo estrutural.

Essas duas campanhas, trouxeram à vida dessas mulheres, um reconhecimento ligado a identificação (identidade de Hall), para muitas mulheres que nunca antes imaginaram que assim se reconheceriam, através do feminismo; a partir da luta por reconhecimento dentro da etnicidade ou solidariedade, pautada por um movimento coletivo, em busca de mudanças sociais (de Honneth). Segundo Honneth:

[...] a experiência de uma diferença individual ou coletiva se converteu no impulso de uma série inteira de movimentos políticos; certamente, suas exigências só podem ser cumpridas a longo prazo quando ocorrem mudanças culturais que acarretam uma ampliação radical das relações de solidariedade (Honneth, 2003, p. 280).

As mudanças culturais ou a evolução moral da sociedade, da qual fala Honneth, podem acontecer através dos movimentos políticos, com mudanças no processo de reconhecimento, nas estruturas que sustentam instituições e práticas da sociedade moderna.

Os movimentos que aconteceram nas redes sociais, a exemplo da Primavera das mulheres e em outros segmentos, refletiram em números, podendo ser analisados, através de gráficos que mostram a crescente participação das mulheres e o empoderamento individual e coletivo, tendo como grande influenciadora a Lei do Femicídio em janeiro de 2015, explodindo na Marcha das Mulheres Negras e a hashtag #MeuAmigoSecreto⁶, em outubro de 2015.



⁶ #MeuAmigoSecreto, foi uma campanha de mobilização coletiva contra a violência à mulher nas redes sociais.

MACHISMO NA PUBLICIDADE AS REDES SOCIAIS SOMARAM MAIS DE 42 MIL MENÇÕES À PROPAGANDAS MACHISTAS. COM BOM HUMOR E PERSISTÊNCIA, AS MULHERES DENUNCIARAM MARCAS E ATÉ ORGANIZARAM BOICOTES.

Lei do Feminicídio
Assasinar mulheres só por serem mulheres vira crime hediondo e **55% das pessoas que falam sobre isso no Twitter são homens.**

#AskHer More no Oscar
Ao pedir para que jornalistas perguntassem mais do que curiosidades a respeito da roupa das atrizes no tapete vermelho, a campanha gerou cerca de **27 mil tweets** no mundo e **1700 menções** no Brasil.

#nãotira obatom vermelho
Júlia Jout publica um vlog listando comportamentos que caracterizam relacionamentos abusivos. O vídeo viralizou, virou campanha e recebeu mais de **3,6 milhões de visualizações.**

Marcha Das Margaridas
reuniu **70 mil pessoas** na maior mobilização de mulheres da América Latina, em Brasília (DF), e rendeu mais de **26 mil tweets.**

Viola Davis no Emmy
Primeira mulher negra a ganhar o prêmio de melhor atriz dramática. Viola fez um discurso sobre representatividade que é **mencionado mais de 7 mil vezes** no Brasil.

#Primeiro Assédio
Após comentários atualizados sobre uma participante do Masterchef Jr., mulheres são convidadas a falar sobre a primeira vez em que foram assediadas. A hashtag foi replicada mais de **100 mil vezes** no Twitter e revelou que **97 anos** é a idade média do primeiro assédio.

Mulheres no ENEM
O tema da redação do exame foi "A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira", gerando **106 mil posts** nas redes sociais e entrando nos Trending Topics do Twitter.

#Mulheres ContraCunha
Projeto de lei que dificulta o acesso ao aborto legal entra em votação e mulheres vão às ruas protestar pela autonomia dos seus corpos. A hashtag foi mencionada mais de **40 mil vezes**, **61% delas por mulheres.**

#AgoraÉQue SãoElas
Homens cedem seus espaços na mídia para que mulheres possam publicar textos sobre feminismo. Só nas redes sociais foram feitas mais de **5 mil menções** à hashtag.

Survivor
Clarice Falcão registra Survivor e lança um clipe com mais de **66 mulheres** que ultrapassa **2 milhões de views** no Youtube.

Marcha das Mulheres Negras
10 mil pessoas se reúnem para chamar atenção para o preconceito. O ato acaba reprimido pela polícia e recebe mais de **33 mil tweets** em solidariedade.

#MeuAmigo Secreto
Atitudes machistas que passam despercebidas no dia a dia são denunciadas com a hashtag, que foi mencionada **170 mil vezes** no Twitter.

MACHISMO NA PUBLICIDADE AS REDES SOCIAIS SOMARAM MAIS DE 42 MIL MENÇÕES À PROPAGANDAS MACHISTAS. COM BOM HUMOR E PERSISTÊNCIA, AS MULHERES DENUNCIARAM MARCAS E ATÉ ORGANIZARAM BOICOTES.

MARKA DE CERVEJA FAZ CAMPANHA COM ALIÇÃO A ABUSOS NO CARNAVAL
CAMPANHA MACHISTA DO GOVERNO FEDERAL É RETIRADA DO AR
PROPAGANDA VAI PARAR NO CONAR POR SUPOSTA OFENSA A HOMENS
É LANÇADA UMA LINHA DE ESMALTES HOMENAGENDO PEQUENOS GESTOS MASCULINOS
PROPAGANDA DE REMÉDIO DIZ QUE CÔLICA É MIMIMI

CHEGA DE FIU FIU
MUITAS MULHERES PARARAM DE SOFRER EM SILÊNCIO E PASSARAM A DENUNCIAR ASSÉDIOS. O TEMA APARECEU EM MAIS DE 360 MATERIAS NA IMPRENSA, DEDICANDO AINDA MAIS CLARO QUE #CHEGADEFIUFIU.

MULHERES DENUNCIAM ASSÉDIO VIA APP DE TÁXI
REPÓRTER DO R7 SOFRE ABUSO NO METRÔ
Jovem denuncia assédio de funcionário da NET
ESTUDANTE CRIA APP CONTRA ASSÉDIO NO SUL DO BRASIL
ONGS PÚBLICAS LANÇAM CAMPANHAS PELO FIM DO ASSÉDIO

FEMINISMO NAS BANCAS NA EDIÇÃO #VOCÊENACAPA, A REVISTA ELLE FALOU SOBRE DIVERSIDADE E AUMENTOU EM 28% SUAS VENDAS E AO ABORDAR A CULTURA DO ESTUPRO, A SUPER INTERESSANTE RELATOU MAIS DE 154 RELATOS DE ABUSO. JUNTAS AS REVISTAS RECEBERAM 7 MIL MENÇÕES NAS REDES SOCIAIS.

O estudo foi feito baseado na análise quantitativa de menções de eventos pontuais que aconteceram no decorrer do ano de 2015. **IDEAL H&K** Turbinado por **STILINQUE**

Ilustração 03 – Infográfico. Fonte: <http://thinkolga.com/2015/12/18/uma-primavera-sem-fim>.

O infográfico (ilustração 01), revela apenas as campanhas ligadas ao feminismo e ao emponderamento feminino, que aconteceram nas redes sociais e explodiram nas ruas. Não há menção a Primavera Secundarista, porque a pauta principal, não era o combate ao machismo estrutural, mas o sucateamento da educação. Contudo, a luta foi encabeçada pelas meninas secundaristas, sendo essa representatividade autogestionária, documentada no filme, "Lute como uma menina", onde as lideranças contam como se deu esse processo das ocupações nas escolas e reforçadas nas redes sociais, Blogs e sites.



Ilustração 04 - Post do Documentário "Lute como uma Menina". Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=8OCUMGHm2oA>.



Ilustração 05 - Post sobre a Primavera Secundarista. Fonte: blogueirasfeministas.com.

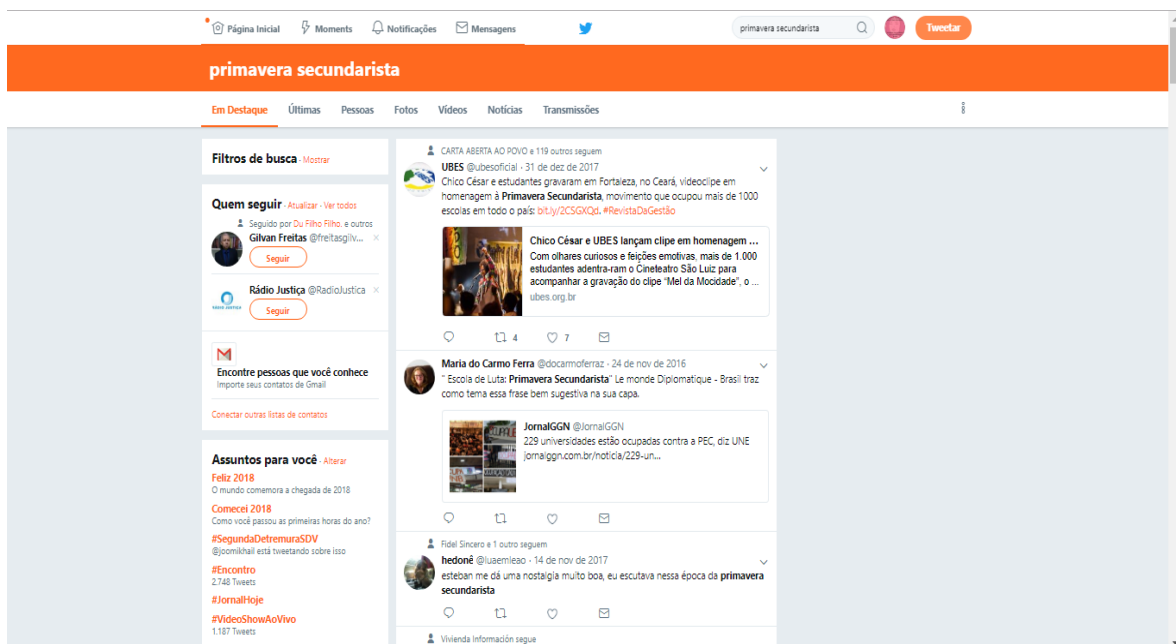
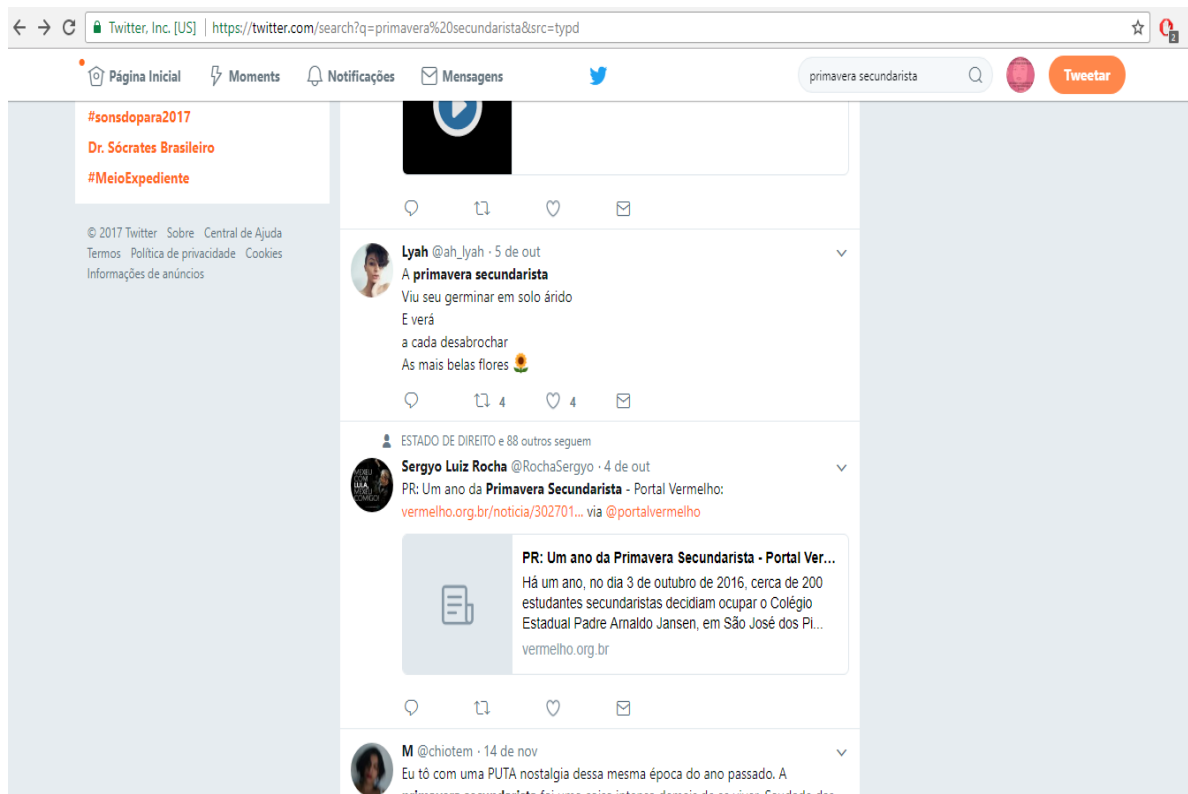


Ilustração 06 – Postagens no Twitter. Fonte: <http://www.twitter.com>.

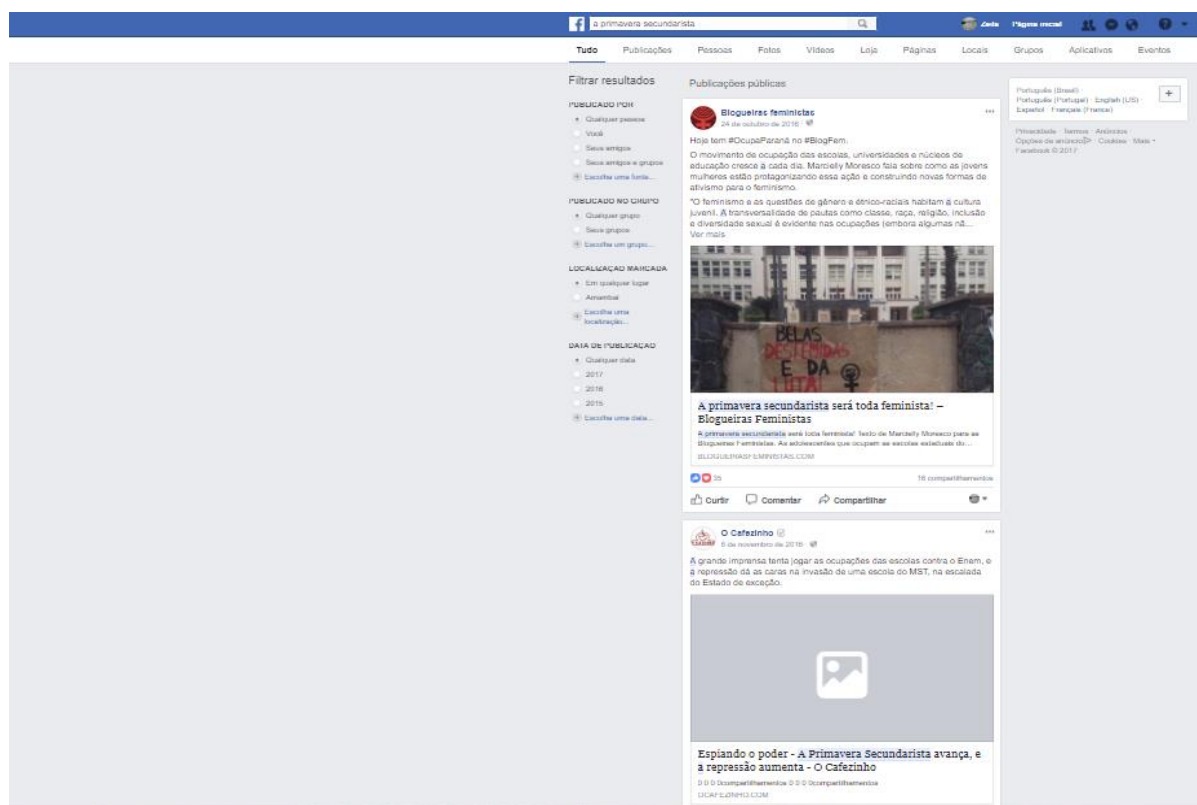


Ilustração 07 – Postagem no Facebook. Fonte: <http://www.facebook.com>.

A repercussão da Primavera das Mulheres nas mídias sociais através do Ciberfeminismo apropriado e modificado daquele surgido na década de 1990, mostra a busca por reconhecimento, a partir das lutas sociais, da tomada de decisões em liderar as manifestações ativistas.

O envolvimento das mulheres, o uso das novas tecnologias da informação (TIC's), para o ativismo, aumentou na última década e em relação às pesquisas realizadas no início dos anos 2000, já encontramos mudanças. Na teoria, já houveram produções brasileiras relacionadas ao tema e ligadas ao uso das tecnologias pelas mulheres, saindo de questões que ficavam muito mais no campo das hipóteses, pelas *ciber utópicas* e hoje partem do virtual para o concreto.

5. Considerações Finais

As mulheres estão conectadas entre si, por meio do ciberespaço que transpõe fronteiras, com propostas que vão de ativismo capaz de comunicar, informar, organizar através da cibercultura, em uma proposta

subversiva à dominação masculina, como as primeiras ciber utópicas pensaram.

A equidade de gênero, hoje, não pode ser pensada sem o uso das novas tecnologias. Sendo as mulheres no mercado de trabalho, ocupando os postos de trabalho que demandam o conhecimento das TIC's, para alcançar essa igualdade e, estarem conectadas, para renovação do feminismo em uma ressignificação da luta política e social e uma significação das novas ferramentas usadas para o ciberativismo.

As mulheres foram estabelecendo sua identidade através das novas relações que passaram a serem construídas aparecendo como sujeito desse tempo, da pós-modernidade e em contato com o braço tecnológico, pós-humano. Segundo Hall (2001), para o feminismo, essas novas interpretações, proporcionaram um pensamento crítico e novas reflexões em torno das identidades sexuais e de gênero, sendo possível conhecer outras realidades e identificar as opressões ligadas as desigualdades.

O Ciberfeminismo, a transposição das fronteiras, promove o deslocamento das identidades culturais,

quando desloca as campanhas feministas através do espaço virtual, unindo as mulheres por meio de suas experiências e demandas em comum. Não só em um engajamento virtual, mas o deslocamento para o mundo real, propondo mudanças concretas, através do debate que se instalou, falando sobre o feminismo, o ativismo e a tecnologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. 4ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo. Editora 34, 1999.

PLANT, Sadie. **Zeros + Ones**. London: Fourth Estate, 1998.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 4ª edição 2001i.

Documentários

Lute como uma menina. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8OCUMGHm2oA>> Acesso em: 22/12/2017 às 15:03

Sites

Prints de tela. Facebook.com

_____. Twitter.com

Post Primavera Secundarista.
blogueirasfeministas.com

Fenomenologia. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Fenomenologia>>.

Acesso em: 27/12/2017 às 20:00.

Uma história oral das primeiras Ciberfeministas.

Disponível

em: <https://motherboard.vice.com/pt_br/article/ezbyq4/um-historia-oral-das-primeiras-ciberfeministas>

Acesso: 21/12/2017 às 21:40

Disponível em: <<https://www.significados.com.br/hashtag/>> Acesso em 26/12/2017 às 18:35.

Bello, Luíse. **Uma primavera sem fim**. Disponível em: <<http://thinkolga.com/2015/12/18/uma-primavera-sem-fim/>>. Acesso em: 3/12/2017, às 23:00.

Mídias e redes sociais. Disponível em: <<http://http://www.cria.art.br/diferenca-entre-redes-sociais-e-midias-sociais>>. Acesso em: 27/12/2017 às 19:48.

TICs. Disponível em: <<http://https://www.infojovem.org.br/infopedia/descubra-e-aprenda/tics>>. Acesso: 27/12/2017 às 19:35.

Sufrágio feminino. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sufr%C3%A1gio_feminino>. Acesso em: 22/10/2017.